

“AFEMINADA”: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE SUJEITOS

Atair José Bernardino de Jesus - atair-jose@hotmail.com

Graduado em Pedagogia na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus de Cascavel-PR.

Andréa Cristina Martelli - andreamartelli72@hotmail.com

Doutora em Educação pela UNICAMP, professora orientadora do curso de pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus de Cascavel-PR.

RESUMO: A sociedade, composta por sujeitos completamente diversos, constrói-se sobre o paradigma de ser permeada pelo lastro¹ de um padrão binário heteronormativo. Este trabalho procura compreender a construção da identidade de gênero nessa sociedade binária, utilizando relatos de sujeitos “considerados” afeminados. Para tal, analisaremos trechos dos relatos contidos no vídeo Vlog da pablla #3 // Afeminada! e, também dialogaremos com os teóricos que tem as suas pesquisas voltadas à temática gênero e da Teoria Queer, como Butler (2003), Louro (1997; 2000; 2001; 2008) e Miskolci (2016) e no que tange ao estudo de identidade e identificação, Maffesoli (1996). No final do nosso percurso, constatamos que os sujeitos afeminados sofrem preconceitos e discriminação, assim como todos os que são diferentes do padrão estabelecido socialmente, todavia, esses tipos de violência dificilmente cessam justamente por não se poder esconder, ser afeminado é uma postura, um jeito, uma roupa, tudo exposto ao julgo social, e é na infância e na adolescência, na família e na escola que essas situações de violência mais ocorrem.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Afeminados; Teoria Queer; Identidade e identificação.

1 O INÍCIO DO PERCURSO

O presente escrito, voltado ao estudo da temática de gênero, se constitui em uma pesquisa carregada de posicionamentos e sentimentos expostos por sujeitos que têm sua vida cotidiana atravessada pelos gêneros, todavia, não sentem a necessidade de, por exemplo, restringirem suas escolhas e seus comportamentos apenas ao feminino ou ao masculino. Todos nós temos a vida permeada pelos gêneros, mas o que estamos afirmando é que os sujeitos afeminados, diferente dos que se adequam aos padrões heteronormativos, rompem quase que por completo esses padrões.

Nosso interesse pela temática iniciou em meados de 2014, quando por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência - PIBID, sob a coordenação do professor Fábio Lopes, desenvolvemos junto às professoras da rede municipal de Cascavel-PR um estudo

¹ Relacionado a quantidade do patrimônio de um país, o lastro define uma quantidade que não pode ser alterada, o lastro cerceia e define esse valor, nesse sentido, utilizamos tal termo pensando nos limites sociais como um lastro para a liberdade dos sujeitos.

preliminar que procurava entender o desenvolvimento do trabalho com gênero nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Como dito na ocasião, partimos do pressuposto de que:

A reprodução dos costumes sociais e familiares dos adultos pelas crianças acaba por influenciar o produto final de um processo onde as mesmas estão ainda construindo a sua identidade enquanto sujeitos. Se, por um lado, tal reprodução mantém as tradições familiares e os costumes culturais, por outro, acaba tanto criando um modelo identitário onde a criança deve se encaixar, quanto rejeitando aquela que não quer ou que não consegue se enquadrar dentro do padrão pré-estabelecido (JESUS; MARTELLI, 2015. p.02).

No período da pesquisa acima citada, destacamos que a família fundamentada em tradições e culturas tenderia a influenciar na construção da identidade da criança, porém, e se os padrões culturais fossem outros? Se a tradição fosse diferente? Precisamos realmente delimitar o produto final da construção da identidade das crianças? Supomos, ainda, que esse “encaixar” possa ser doloroso procurando realmente compreender qual o custo de fazer as crianças se “encaixarem”, e, ainda, qual o preço de preferir ser diferente, que este trabalho se justifica.

Na continuidade dos nossos estudos voltados ao gênero, nossa pesquisa empírica focará nos relatos de sujeitos, homens de sexo biológico macho, que tenham em suas preferências diversos elementos tidos pela sociedade como do gênero feminino, considerados afeminados. Esses relatos foram retirados do vídeo Vlog da Pablllo #3 // Afeminada!² disponível para visualização no YouTube³. Neste vídeo participam: Pablllo Vittar, Pablo Urias e Matheus Moura. Em uma conversa informal sobre sujeitos afeminados, eles compartilham suas próprias histórias.

O vídeo, apesar de uma conversa informal, nos inspirou por estar carregado de posicionamentos e sentimentos, expostos de maneira livre, a personagem principal é Pablllo Vittar, que convida dois amigos para conversar sobre as suas vidas, em especial, sobre o fato de serem afeminados. A conversa não foi por acaso, foi planejada e com perguntas que adentram o universo da construção da identidade de cada um deles, a família, a escola, a aceitação, a repressão, o preconceito, o ser afeminado, tudo posto em relevo.

Para compreender o posicionamento desses sujeitos, utilizaremos bibliografia especializada, os estudos de Louro (1997, 2000, 2003, 2008, 2009), Miskolci (2016) e Jesus & Martelli (2015) nas temáticas de gênero e sexualidade, e Mafessoli (1996) no que diz respeito a identidade.

O reconhecimento do "outro", daquele ou daquela que não partilha dos atributos que possuímos, é feito a partir do lugar social que ocupamos. De modo mais amplo, as sociedades realizam esses processos e, então, constroem os contornos

² Disponível no site YOUTUBE por meio do link: <https://www.youtube.com/watch?v=P0jnj90gCco>.

³ Site composto por vídeos onde todos os que nele se cadastram podem enviar seus vídeos e compartilhar publicamente este.

demarcadores das fronteiras entre aqueles que representam a norma (que estão em consonância com seus padrões culturais) e aqueles que ficam fora dela, às suas margens. Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. (LOURO, 2000, p. 09)

Reproduzir costumes aprendidos socialmente é algo inerente ao ser humano, todavia, a partir do momento que esta reprodução aceita apenas os que se encaixam aos padrões sociais, onde ficam os que não se encaixam?

O grande desafio não é apenas assumir que as posições de gênero e sexuais se multiplicaram e, então, que é impossível lidar com elas apoiadas em esquemas binários; mas também admitir que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e – o que é ainda mais complicado – que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira. (LOURO, 2001. p. 02.).

Trazemos como nossos objetivos: compreender a relação entre corpo – biológico e social – e identidade de gênero; problematizar o julgamento externo sofrido pelas pessoas que não se limitam a preferir apenas o gênero que socialmente corresponderia ao seu sexo biológico; refletir a partir dos relatos do vídeo analisado, sobre as diferentes maneiras dos sujeitos compreenderem o feminino e o masculino; e por fim, problematizar a construção da identidade de gênero, refletindo mais especificamente no papel da família e da escola durante esse percurso.

Sabemos que estudar gênero não é uma tarefa fácil até porque, como nos apresenta Louro:

Todas essas práticas e linguagens constituíam e constituem sujeitos femininos e masculinos; foram — e são — produtoras de "marcas". Homens e mulheres adultos contam como determinados comportamentos ou modos de ser parecem ter sido "gravados" em suas histórias pessoais. (LOURO, 2001. p.16).

As preferências de gênero extrapolam uma simples escolha, pois ao posicionar-se contra o que está posto, o sujeito se posiciona contra um sistema historicamente construído por um viés binário em que ou se é homem e todas as suas preferências devem ser direcionadas para objetos, comportamentos e gostos que são socialmente construídos como sendo do gênero masculino; ou se é mulher e, da mesma forma, se aceita e apropria a “maneira correta” de “ser” dentro da sociedade. Portanto, escolher só é socialmente aceitável se as opções corresponderem ao que está definido como adequado para o sexo biológico desse sujeito, quando isso não ocorre, este é enquadrado como “anormal”, tratado e discriminado como não pertencente à mesma sociedade que os sujeitos que atendem aos padrões heteronormativos.

Ao utilizar os relatos dessas pessoas adentraremos num universo de sensibilidades onde cada fala traz em suas entrelinhas momentos específicos carregados de dor, angústia, confusão e

até mesmo de aceitação e superação, não a fim de expor essas pessoas, mas sim, de compreendê-las.

2 QUEER: O LUGAR DE ONDE FALAMOS

Desde que começamos as pesquisas, foi um grande desafio encontrar uma teoria que nos orientasse, sem necessariamente limitar teoricamente os nossos trabalhos, mas pelo contrário, expandisse nossas análises, ao passo que pudéssemos dialogar não apenas com um autor ou uma autora.

Fazendo uma ressalva, por mais que a nossa pesquisa se volte para o estudo de gênero, também adentramos o espaço da sexualidade, todavia, não pelo viés psicológico, mas pelos aspectos sociais que cercam a sexualidade dos sujeitos, que permeiam as suas preferências de gênero e que marcam fortemente a construção das suas identidades.

Ao dirigir o foco para o caráter "fundamentalmente social", não há, contudo, a pretensão de negar que o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas. (LOURO, 1997. p.21-22.).

Reconhecendo que estamos em constante transformação durante a vida, é importante considerar que nossa sexualidade, nosso corpo, nossos gostos e preferências, também se transformam.

No decorrer de uma mesma existência cada um muda diversas vezes. Variações, modificações, conversões, revoluções, inúmeros são os termos que traduzem essas mudanças. Elas afetam a aparência física, de início, mas também suas representações. (MAFFESOLI, 1996. p.304.).

As representações que criamos são tão significativas que ainda que o externo contribua fortemente para a construção da nossa identidade, podemos negar essa contribuição, ocupando um espaço diferente daquele que a sociedade destinou, e, ainda que essa identificação possa ser tida como errada ao julgo social de uma sociedade binária heteronormativa, é a que atende os nossos desejos.

Indo ao encontro com os nossos anseios, encontramos em alguns estudos de Guacira Lopes Louro (1997; 2000; 2001; 2008) e de Richard Miskolci (2016) os fundamentos necessários para alicerçar as nossas pesquisas e, em especial, neste trabalho, a Teoria Queer, pesquisada por ambos, constitui-se a nossa base. Ao nos fundamentar nessa teoria, concordamos com Louro que

A teoria *queer* permite pensar a ambiguidade, a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de gênero mas, além disso, também sugere novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação. (LOURO, 2001, p.10.).

De acordo com Miskolci (2016), a origem histórica da teoria Queer ocorre na década de 1980 inserindo-se em um espaço social aberto pelos novos movimentos sociais da década de 60 e 70 do século XX, por exemplo, o movimento feminista e o movimento homossexual, “que passa a demandar direitos e também a influenciar na produção do conhecimento” (MISKOLCI, 2016, p.13.). Todavia, isso não significa que ela comunga das mesmas ideias destes, até porque dentro dos movimentos ainda existem comportamentos e posicionamentos que procuram se adequar à heteronormatividade, que

seria a ordem sexual do presente, na qual todo mundo é criado para ser heterossexual, ou – mesmo que não venha a se relacionar com pessoas do sexo oposto - para que adote o modelo da heterossexualidade sua vida. (MISKOLCI, 2016, p.13.).

Não seguir a norma que esta posta é o que faz com o sujeito afeminado, ao ser percebido como diferente, seja tratado também como diferente, e não estamos falando de uma simples diferenciação, causada pela talvez “necessidade social” de definir se é menino ou menina, homem ou mulher, mas, sim, de um movimento de discriminação e violência que atinge severamente as pessoas que não atendem a essa heteronormatividade.

O processo de construção dos gêneros e da sexualidade acontece, segundo Louro (2008), por meio do aprendizado e da vivência social, onde imersos na cultura os sujeitos exercitam determinadas práticas que resultam em formas de vivenciar a sexualidade e a identificação com determinado gênero. Para a autora,

A matriz cultural por intermédio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipo de “identidade” não possam “existir” – isto é, aqueles em que o gênero não decorre do sexo e aquelas em que as praticas do desejo não “decorrerem” nem do “sexo” nem do “gênero”. Nesse contexto, “decorrer” seria uma relação política de direito instituído pelas leis culturais que estabelecem e regulam a doma e o significado da sexualidade. Ora do ponto de vista de campo, certos tipo de “identidade de gênero” pare ser meras falhas dos desenvolvimento ou impossibilidades logicas precisamente porque se conformarem as normas da inteligibilidade cultural. (LOURO, 2001, p. 07).

Se todo o sistema heteronormativo está instaurado e a maioria dos sujeitos se insere neste – até mesmo pessoas que tem relações homossexuais – não seria mais fácil para qualquer pessoa aceitar tal norma do que se opor?

a sexualidade é modelada na junção de duas preocupações principais: com a nossa subjetividade (quem e o que somos); com a sociedade (com a saúde, a prosperidade, o crescimento e o bem-estar da população como um todo). As duas estão intimamente conectadas porque no centro de ambas está o corpo e suas potencialidades. (LOURO, 2000. p.36.).

A partir dos estudos de Miskolci (2016) compreendemos que a origem do movimento queer, está diretamente ligada a epidemia da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – AIDS, ocorrida nos Estados Unidos na segunda metade da década de 80 do século passado, quando os movimentos de Gays e Lésbicas teriam adotado uma postura mais radical frente à acusação dos movimentos conservadores e tradicionais de que eles teriam disseminado a doença pelo País.

A aids, portanto, foi um catalizador biopolítico que gerou formas de resistência mais astutas e radicais, materializadas no ACT UP, uma coalizão ligada à questão da aids para atacar o poder, e no Queer Nation, de onde vem a palavra queer, a nação anormal, a nação esquisita, a nação bicha. (MISKOLCI, 2016, p.23-24.).

A resistência existente no movimento Queer, pauta-se em uma compreensão de identidade não estanque, que sofre modificações constantes durante a vida. “Na perspectiva *queer*, as identidades socialmente prescritas são uma forma de disciplinamento social de controle e normalização” (MISKOLCI, 2016, p. 18.). Normalização e normatização iniciadas antes mesmo do nascimento da criança, uma vez que ao saber o seu sexo se define cores de roupas e do quarto, tipos de brinquedos, em outras palavras, constrói-se um ambiente definindo, a partir do que é certo, socialmente, no contexto de uma sociedade binária.

Nesse sentido, quer sejam heterossexuais ou homossexuais, todos podem ser normalizados e preconceituosos com o Outro, aquele que vive, se comporta ou pensa diferentemente. Muitos homossexuais também normalizados ajudam na estigmatização e na percepção negativa daqueles que não cabem na heteronormatividade. (MISKOLCI, 2016, p.15.).

Esse comportamento de aversão e fobia ao que é diferente pelas preferências de gênero, mas, não pela orientação sexual, está fortemente ligado aos lastros da sociedade, que definem determinadas atitudes como certas, condenando todas aquelas que não se encontram no “portifólio” de normas, principalmente, dentro das preferências de gênero, pois é o que esta escancarado, disposto para todos verem e inclusive julgarem, diferente da sexualidade, que pode ser contida, mascarada, encoberta e vivenciada de maneira secreta.

As condições que possibilitam a emergência do movimento *queer* ultrapassam, pois, questões pontuais da política e da teorização *gay* e lésbica e precisam ser compreendidas dentro do quadro mais amplo do pós-estruturalismo. Efetivamente, a teoria *queer* pode ser vinculada às vertentes do pensamento

ocidental contemporâneo que, ao longo do século XX, problematizaram noções clássicas de sujeito, de identidade, de agência, de identificação. (LOURO, 2001. p.07).

Nosso objetivo como exposto anteriormente é sobre o estudo de gênero, preocupar-se com as questões relacionadas às particularidades do sujeito, em especial, da construção da identidade, será o foco do nosso trabalho a partir desse momento.

3 GÊNERO: IDENTIFICAÇÕES

Construir-se sujeito é uma atividade cotidiana realizada de maneira diferente por cada um, e que tende a passar por um caminho de construção demasiado complexo, uma vez que diversos elementos oriundos de todos lugares da sociedade tendem a influenciar essa construção.

Ao explicitar nosso referencial teórico sobre o movimento *queer*, objetivamos posicionar para o leitor em qual espaço os sujeitos afeminados estariam, tanto social, quanto teoricamente. A teoria *queer* nos ajudará neste momento tão importante de nosso trabalho para compreender a construção da identidade, principalmente, dentro das questões de gênero.

Efetivamente, a teoria *queer* pode ser vinculada às vertentes do pensamento ocidental contemporâneo que, ao longo do século XX, problematizaram noções clássicas de sujeito, de identidade, de agência, de identificação. (LOURO, 2001. p.07).

Seguindo nossos objetivos, utilizaremos a partir de agora alguns excertos dos relatos de sujeitos considerados socialmente, e que se consideram afeminados. Como relata Pablllo:

A primeira vez que eu vesti roupa de menina foi, acho que, bem pequeno e a minha irmã me pegou, aí, bicha, não foi legal não, porque, miga, eu cresci meio que frustrada, né? Eu queria, eu sempre gostei desse universo feminino, eu acho que vocês também passaram por isso quando vocês eram crianças, e acho que não só a gente, muita gente que é gay, e que é afeminada, e eu amo ser afeminada, eu acho que eu me aceito! (PABLLO VITTAR. 2:07 Á 2:41).⁴

No excerto acima é importante destacar alguns elementos que nos ajudam a compreender a construção da identidade dos sujeitos em situações onde as preferências de gênero tornam-se grandes elementos causadores de sofrimento e de frustração. O reconhecimento de que a frustração que ele viveu foi algo que não aconteceu apenas com ele, mas que acontece com diversos gays tidos

⁴ Os excertos das falas serão transcritos *ipsis litteris* como está no vídeo, fonte desse trabalho.

e julgados como sendo afeminados, nos alerta para uma realidade onde a construção da identidade dos sujeitos – quando estes não correspondem ao que se é esperado na escolha pelo feminino ou masculino – é extremamente martilizadora.

As simples decisões cotidianas são muito mais complexas para o sujeito *queer*, pois cada ato é uma busca de liberdade de viver conforme suas identificações, ou seja, ora preferir o masculino, ora o feminino, ora ambos. Ao seu entorno os sujeitos tidos como “normais” tendem a julgar, criticar, e discriminar cada um desses atos, como se, ser diferente fosse sinônimo de ser nocivo ou até doente. Já se imaginou sendo questionado por cada roupa que veste? Cada palavra que fala? Cada decisão que toma?

Eu demorei muito me aceitar quanto gay afeminadinha, porque na escola eu sempre sofri muito preconceito, eu sempre sofri muito bullying, então eu queria me blindar, eu me mascarava de certa forma (PABLO VITTAR. 2:54 À 3:04).

Ser aceito e aceitar-se são duas construções muito próximas, porém, podem ocorrer em momentos diferentes na vida do sujeito *queer*. Durante essa construção os momentos de dor e sofrimento são extremamente frequentes, vestir uma roupa, que é algo tão comum a todos nós, passa a ser uma difícil decisão. Vestindo a roupa que mais lhe agrada o sujeito *queer* sofre o julgo externo e até mesmo pode ser violentado por esta escolha, ao vestir o que a sociedade impõe, o sofrimento também acontece, uma vez que nega a identidade que ele criou de si.

Mensurar qual seria a instituição social mais importante na construção da identidade dos sujeitos não é algo possível, tanto a escola, quanto a família direcionam e, até mesmo, limitam os comportamentos e atitudes das crianças, seja para ensinar a respeitar o outro e a outra, compreender as regras sociais ou até mesmo fazer coisas simples do cotidiano, como comer sozinho. Inclusive, ensinam a ser homem ou mulher dentro das perspectivas sociais da heteronormatividade.

No começo quando eu era criança, minha mãe cortava o meu cabelo muito pequenininho e tentava me masculinizar, depois que minha mãe foi ver que eu era assim, daquele jeito, mas, de boa (PABLO VITTAR. 5:49 À 05:50.)

Os pequenos gestos ou ações diárias tanto da escola, quanto da família corroboram para a reprodução do binarismo de gênero, o qual violenta fortemente os que são diferentes, como se marcasse a ferro cada um daqueles que desviasse do instituído.

Eu sentia na escola, e em casa também, mas em casa é aquela coisa de: “Eu não quero decepcionar meus pais por ser assim”. Entendeu? Então você, se...! Agora já na escola, todo mundo aponta o dedo, no caso, todo mundo! A escola pra mim foi difícil!. (PABLO URIAS. 3:13 à 3:27).

A escola, espaço de interação e convivência, possibilita crianças e adolescentes, além de aprenderem com os seus professores e suas professoras, também aprenderem umas com as outras. Neste espaço, a entrada para a sala de aula, o recreio, a ida para a casa e, até mesmo, outros momentos tornam-se importantes para a interação social, e são nesses que acontecem o compartilhamento de vivências simples, que se findam como as primeiras experiências sociais com sujeitos alheios ao círculo familiar.

Da arquitetura aos arranjos físicos; dos símbolos às disposições sobre comportamentos e práticas; das técnicas de ensino às estratégias de avaliação; tudo opera na constituição de meninos e meninas, de homens e mulheres – dentro e também fora da escola (uma vez que a instituição “diz” alguma coisa não apenas para quem está no seu interior mas também para aqueles/as que dela não participam). (LOURO, 1997. p. 91).

Formar meninos e meninas é uma atividade social desempenhada por cada um de nós, mesmo que inconscientemente definimos, por exemplo, a cor da roupa que o bebê deve usar, delimitamos qual desenho animado a criança deve assistir educamos as meninas delicadas e os meninos fortes, reproduzimos cotidianamente a heteronormatividade.

Somos todos diferentes, física e biologicamente, com comportamentos e trejeitos diferentes uns dos outros. Na escola essas diferenças começam a ser vivenciadas pelas crianças, a responsabilidade social dos professores e das professoras consiste em mediar essas “vivências” procurando amenizar os atritos causados por essas diferenças. Essa mediação deveria ser pautada em conhecimentos científicos e ética profissional, haja vista que os dogmas religiosos, as experiências culturais e as preferências pessoais podem expressar preconceitos e discriminação relacionados à raça, a etnia, a religião, à identidade de gênero, dentre outros.

Como nos relata Pabllo ao falar da época em que estudava: “Isso é chato, porque eu era a palhacinha porque eu tinha que ficar fazendo todo mundo rir a todo o tempo. Porque eu era a bichinha afeminada” (PABLLO VIT*AR. 3:41 Á 3:49).

Ao classificar os sujeitos, toda sociedade estabelece divisões e atribui rótulos que pretendem fixar as identidades. Ela define, separa e, de formas sutis ou violentas, também distingue e discrimina. (LOURO, 2000, p.09).

Ao comparar o que disse Pabllo com os escritos de Louro, percebemos que se o correto – apresentado pela escola – é ser menino ou ser menina, os sujeitos que não se encaixarem nesse padrão ficam à margem, percebemos que cria-se uma falsa liberdade de serem chamado de qualquer jeito, e aos outros de nomear como querem, e normalmente, de uma maneira extremamente

pejorativa. Não estamos defendendo que o exposto acima é o que gera o preconceito, mas sim, que corrobora para a disseminação deste.

Distintas e divergentes representações podem, pois, circular e produzir efeitos sociais. Algumas delas, contudo, ganham uma visibilidade e uma força tão grandes que deixam de ser percebidas como representações e são tomadas como sendo a realidade. Os grupos sociais que ocupam as posições centrais, "normais" (de gênero, de sexualidade, de raça, de classe, de religião etc) têm possibilidade não apenas de representar a si mesmos, mas também de representar os outros. (LOURO, 2000. p.09)

Nosso sistema educacional desconsidera que somos diferentes, seguindo, portanto, um modelo social preestabelecido de como “educar” essa criança, e qualquer fuga desse modelo é condenada. Por esse motivo seria necessário pensar em uma pedagogia que pudesse acolher os sujeitos, indiferentes da sua sexualidade, raça ou, ainda, preferência de gênero. Desse modo,

Uma pedagogia e um currículo *queer* se distinguiriam de programas multiculturais bem intencionados, onde as diferenças (de gênero, sexuais ou étnicas) são toleradas ou são apreciadas como curiosidades exóticas. Uma pedagogia e um currículo *queer* estariam voltados para o processo de produção das diferenças e trabalhariam, centralmente, com a instabilidade e a precariedade de todas as identidades. Ao colocar em discussão as formas como o ‘outro’ é constituído, levariam a questionar as estreitas relações do eu com o outro. (LOURO, 2001. p.09).

Sobre o processo de produção das diferenças, muito além de conhecê-lo, precisaríamos compreender o quanto nossas atitudes diárias contribuem para a disseminação do preconceito, entendendo ainda que as diferenças devem ser compreendidas como naturais, reais, sem necessidade de aceitação. Precisamos, ao invés de aceitar, compreender.

Compreender a si mesmo e compreender o outro é uma atividade difícil, entretanto, fundamental para que os julgamentos feitos ao nosso externo sejam cada vez menos nocivos.

E tudo que a gente passa como afeminada, como... até a própria.. auto..., auto..., quando a gente se fecha sabe, auto repressão, a gente se fecha, tudo isso ajuda a gente assim de uma maneira que você ter que lutar tanto pelas coisas que fica forte, você consegue se colocar no lugar (PABLO URIAS. 7:22 Á 7:40).

Até o sujeito conseguir superar o preconceito e ficar forte como nos disse Pablo Urias, o percurso tende a ser permeado por sofrimento advindo da família, da escola, e de outros lugares onde convivemos em sociedade, porém sofre-se também subjetivamente, pois nesse período de aceitação ele não se compreende, não se aceita, e ao passo que toda uma sociedade define-o como errado, como estranho, passa a perceber que muito próximo de sua liberdade, bem na fronteira de ser livre, encontra-se o martírio.

Sabemos que não ser heterossexual em uma sociedade heteronormativa, foge dos padrões e pode ser tornar motivo de discriminação, entretanto, entendemos que os sujeitos que tem uma preferência de gênero que não correspondente ao seu sexo biológico são muito mais discriminados. Isso porque, a orientação sexual é exposta normalmente entre quatro paredes, pode ser escondida, mascarada, encoberta, já as preferências de gênero não, pois são escancaradas, nas roupas, no cabelo, no corpo.

Diante dessa relação entre gênero e sexualidade trazemos um relato de Pablo: “Cê já ficou com menino na escola e tipo eles falar: ‘ai vamos ficar escondido, mas não fala pra ninguém!’, Eu super já” (PABLLO VITTAR. 04:05 Á 4: 41).

Ficar, beijar, abraçar, ou até mesmo manter relação sexual com o Pabllo que era afeminado poderia acontecer com tanto que escondido, ou seja, a sexualidade consegue se mascarar, porém, o gênero não, tanto que no trecho exposto a preferência de Pabllo Vittar pelo gênero feminino não era aceita, mas sua orientação sexual, sim.

A aceitação social é um dos grandes paradigmas do sujeito *queer*, no entanto, muito além dessa, oriunda dos pareceres dos externos, existe o próprio dilema de se aceitar. “É engraçado que a gente tem uma aceitação, até com o nosso corpo, né? Porque depois que você se aceita, a gente se aceita, bicha... preta... Eu tô muito bem comigo” (MATHEUS MOURA. 8:18 Á 8:32).

Aceitar-se é uma construção tão complexa que extrapola o decidir ser, mas, sim, compreender-se subjetivamente. Sobre essa construção, destacam-se os seguintes relatos que demonstram em específico os momentos de aceitação dos sujeitos analisados:

Começar, começar foi bem recente do tipo se jogar afeminada, se jogar do jeito que a gente é... (MATHEUS MOURA. 1:07 Á 1:14)

É engraçado que a gente tem uma aceitação, até com o nosso corpo, né? Porque depois que você se aceita, a gente se aceita, bicha... preta... Eu tô muito bem comigo (MATHEUS MOURA. 8:18 Á 8:32).

Eu acho que a gente não se prende, tipo assim, a gente e deixa ser, eu acho incrível (PABLO URIAS. 08:59 Á 9:05).

Hoje eu não tenho mais vergonha, vou pensando, sabe por que, amiga? Sabe por que eu não tenho mais vergonha? Porque se eu não fizesse aquilo eu acho que eu não teria coragem de ser o que eu sou hoje (PABLLO VITTAR. 7:09 Á 7:29)

Eu agora eu tô bem comigo sendo afeminada, mas não vou fala: “ai, sempre me aceitei, Não! Tinha época que...” (PABLO URIAS. 2:36 Á 3:04).

Identificar-se com uma roupa, com um penteado ou até mesmo com a música que estamos ouvindo é algo comum a todos os sujeitos, e por vezes ocorre no nosso cotidiano de maneira natural, porém, não estanque, pois passamos a “gostar” de coisas diferentes durante toda a nossa vida. Entretanto, existem alguns lastros sociais que limitam essa identificação.

Nos estudos de Mafessoli (1996), encontramos dois conceitos: identidade e identificação, que são essenciais para compreender, por exemplo, essa vergonha que Pablo expôs no excerto acima. Quando falamos em identidade o aspecto político, cultural, tradicional, é o que se sobrepõe, existe uma maneira correta de ser, um espaço a se ocupar, um padrão, já a identificação tem relação com o sujeito em si, a sua identificação, pois ainda que ainda que exista uma regra de como todo o sujeito deve ser na sociedade podemos nós simplesmente não nos identificarmos com o espaço que nos foi destinado tradicionalmente e é nesse momento que surge a vergonha, e a necessidade de ter coragem, pois não se adequar corresponde a quebrar um regra, e em consequente a punição incutida nos atos discriminatórios da sociedade.

Para ficar mais claro: Ser menino é uma identidade que representa socialmente o sujeito nascido com o sexo biológico macho, e que é caracterizado pelo cabelo curto, pela falta de expressividade dos sentimentos, pela utilização de roupas mais largas – preferencialmente nas cores azul, verde, marrom, etc. Quando essa identificação não ocorre para esse menino, ou seja, ele não se identifica com aquele cabelo, aquelas roupas, mas, sim, com as atitudes e objetos considerados de menina, esse sujeito ao ter uma identificação com outro gênero se torna o “estranho”, o *queer*.

O desenvolvimento na nossa educação básica de um currículo *queer* poderia nos auxiliar na diminuição das atitudes discriminatórias que atacam os sujeitos tidos com diferentes, pois ao compreender o diferente como participante da sociedade e não como aberração marginalizada, o binarismo para de fazer tanto sentido e a chamada “liberdade de expressão” presente na Constituição de 1988 passará realmente a ser garantida.

A desconstrução das oposições binárias tornaria manifesta a interdependência e a fragmentação de cada um dos pólos. Trabalhando para mostrar que cada pólo contém o outro, de forma desviada ou negada, a desconstrução indica que cada pólo carrega vestígios do outro e depende desse outro para adquirir sentido. A operação sugere também o quanto cada pólo é, em si mesmo, fragmentado e plural. (LOURO, 2001. p.08).

De acordo com Louro (2001. p. 09) uma pedagogia e um currículo *queer* não pode ser pautado no pensamento de que as questões de gênero, sexualidade, étnicas, etc, podem ser trabalhadas como algo descolado do real, diferente, estranho, mas, sim, como “naturais”.

A diferença deixaria de estar lá fora, do outro lado, alheia ao sujeito, e seria compreendida como indispensável para a existência do próprio sujeito: ela estaria *dentro*, integrando e constituindo o eu. A diferença deixaria de estar ausente para estar presente: fazendo sentido, assombrando e desestabilizando o sujeito. Ao se dirigir para os processos que produzem as diferenças, o currículo passaria a exigir que se prestasse atenção ao jogo político aí implicado: em vez de meramente contemplar uma sociedade plural, seria imprescindível dar-se conta das disputas, dos conflitos e das negociações constitutivos das posições que os sujeitos ocupam. (LOURO, 2001. p.09).

Ocupar um espaço é natural a todos e todas, mas querer estar naquele espaço que nos foi destinado por um “acordo tradicional e cultural” é demasiado complexo. A sociedade infere, destina, lastreia, enquanto os que aceitam esse espaço contra a vontade vivem uma vida a qual não se identifica, os que lutam contra essa decisão acaba por não ocupar um espaço na sociedade.

4 O QUE LEVAMOS DA CAMINHADA

Como últimas considerações desse momento ressaltamos, primeiramente, que por mais que esta pesquisa fora realizada dentro de um caráter bibliográfico procurávamos nos aproximar o máximo possível da realidade, principalmente, dentro da compreensão dos posicionamentos dos sujeitos afeminados, foco desta pesquisa.

Nossa pesquisa realizada com fins qualitativos nos mostrou que os sujeitos que não correspondem aos padrões binários da sociedade sofrem principalmente enquanto são crianças e adolescentes, e é na família e na escola que essas situações acontecem, algo curioso é que em nenhum dos relatos, a igreja fora citada como cerceadora da liberdade.

Aceitar-se sujeito afeminado e compreender-se como livre para preferir o que mais se identifica, seja o masculino, seja o feminino, seja ambos é uma necessidade para a consolidação do movimento *queer*.

O julgamento atribuído ao sujeito afeminado acontece de maneira muito mais ferrenha do que ao sujeito homossexual, pois a orientação sexual pode ser mascarada, silenciada, escondida, já as preferências de gênero ficam extremamente expostas para julgo social.

As relações entre o corpo e as preferências de gênero são fortemente relacionadas ao aceitar-se como sujeito e ao entender a bandeira desse movimento que se opõe a normatização seja ela qual for.

5 REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**, Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis. Vozes, 1997.

_____. **Gênero e sexualidade**: pedagogias contemporâneas. Pro-Posições, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>. Acessado em: 03 de setembro de 2012.

_____. **Teoria Queer** - Uma política pós-identitária para a educação. In: Revista Estudos Feministas. p.541 – 553. Florianópolis-SC. 2001.

_____. **Pedagogias da Sexualidade**. In _____. O corpo educado: Pedagogias da sexualidade. Belo horizonte. Autentica. 2000.

JESUS, Atair Bernardino; MARTELLI, Andréa Cristina. **Posicionamentos sobre gênero dentro da Educação Básica**. In: Anais do IV Simpósio Internacional em Educação Sexual: feminismos, identidades de gênero e políticas públicas. Maringá. 2015.

MAFFESOLI, Michel. No fundo das aparências. Petrópolis. Vozes. 1996.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 2 edição. Belo Horizonte. Autentica. 2016.

Title

“Effeminate”: the construction of identity of the subjects.

Abstract

The society, composed by completely different subjects, Builds up itself about the paradigm of being permeated by the groundwork of a heteronormative binary pattern. This work demand understand the construction of the gender's identity in this binary society, using reports of subjects "considered" effeminate. For this, we will analyse parts of the reports contained in the video Vlog da pablo #3 // Afeminada! and, also dialogue with the theorists that have their researches faced to the gender's thematic and of the Queer Theory, like Butler (2003), Louro (1997; 2000; 2001;2008) and Miskolci (2016) and with regards to the identity and identification studies, Maffesoli (1996). In the end of our way, we verified that the subjects effeminate suffer prejudices and discrimination, like all the ones that are different of the pattern socially established, however, this types of violence difficultly cease precisely for can't hide themselves, being effeminate is a posture, a way os being, a clothe, everything exposed to the social judge, and it's in the childhood and adolescence, with the family and in the school that this violence situatons occur more.

Keywords

Gender; Effeminate; Queer Theory; Identity and identification.

Recebido em: 01/04/2017.

Aceito em: 10/04/2017.